



A NOVA PARÓQUIA E A SOLICITUDE PELOS POBRES: O COMPROMISSO CRISTÃO NO MUNDO

(The New Parish and caring for the poor: the Christian commitment in the world)

Rodrigo Fernando Alves

Mestrando em Teologia pela PUC/SP

E-mail: rodrigofernando26@hotmail.com

RESUMO

A Nova Paróquia, tão querida pelos documentos eclesiais mais recentes (dentre os quais a Exortação *Evangelii Gaudium*, o Documento de Aparecida e o Documento 100), encontra vários desafios para a sua renovação, dentre os quais a solicitude para com os pobres. Esse compromisso, expressão do *ágape* de Cristo, é fundamental neste mundo em que as sementes do individualismo e do neopaganismo ganham força. Assim, num exercício de teologia sistemática que (re)liga teologia bíblica e pastoral, um caminho importante é olhar para a solicitude com os pobres, no exemplo do apóstolo Paulo. Paulo organizava uma coleta para os santos da igreja de Jerusalém entre as comunidades da Ásia, tornando visível a unidade da igreja entre judeus e gentios através da caridade. Não se tratava de uma ação solidária apenas, mas da vivência do amor cristão que se doa como Ação de graças (Eucaristia) a Deus, Ele que por sua Graça (*Charis*) nos salvou primeiro.

Palavras-chave: Nova Paróquia; Paulo; Coríntios; Caridade; Pobres.

ABSTRACT

The New Parish, beloved by the most recent church documents (among which the Exhortation *Evangelii Gaudium*, the Aparecida Document and the Document 100), meets several challenges for its renewal, among them the caring for the poor. This commitment, the *agape* expression of Christ, is fundamental in this world in which the seeds of individualism and neo-paganism are gaining strength. Thus, in an exercise of systematic theology that re-connects biblical theology and pastoral, an important way is to look at the caring for the poor in the example of the Apostle Paul. Paul organized a collection for the saints of the Jerusalem church among the Asian communities, making visible church unity between Jews and Gentiles through charity. It was not only a solidary action, but the experience of Christian love that is given as Thanksgiving (Eucharist) to God, He who by his grace (*Charis*) saved us first.

Keywords: New Parish; Paul; Corinthians; Charity; Poor.

INTRODUÇÃO

O presente artigo faz o exercício de unir passado e presente da pastoral eclesial, buscando nas fontes cristãs as luzes e inspirações para os desafios pastorais que se apresentam. Desse modo, o que se intenta é observar a exortação que o apóstolo Paulo faz aos coríntios (2Cor) pela solidariedade para com os pobres da igreja em Jerusalém – observando o contexto, métodos e teologia de tal apelo.

Ora, desse estudo da abordagem paulina da questão da solidariedade no universo do Novo Testamento, é importante que desabrochem intuições para uma *teologia sistemática* que



conjugue teologia bíblica e pastoral. *A fortiori*, não obstante a Teologia Pastoral seja uma ciência que agregue os métodos das ciências modernas (sociologia, economia, antropologia, etnologia) em seus estudos, ela não pode prescindir de sua ligação privilegiada com a Bíblia, Palavra inspirada que nasce da experiência privilegiada do Povo de Deus com o Revelador do “rosto divino”: Jesus Cristo.

A renovação da Paróquia (a “Nova Paróquia”), tão desejada nesta verdadeira “mudança epocal”, só poderá responder aos complexos desafios que se lhe apresentam se descobrir na *Sacra Pagina* os caminhos dos apóstolos e das primeiras comunidades. E não podemos negar que Paulo, o apóstolo dos Gentios, é referência para nós em um mundo em que a Nova Evangelização precisa restaurar a *Imago Dei* para os povos dos Velhos Continentes cristianizados. No fenômeno que Ratzinger definiu como “neopaganismo”, o apóstolo Paulo ajuda-nos a anunciar Jesus Cristo às novas periferias urbanas.

1. O CONTEXTO PASTORAL DE 2Cor EM QUE PAULO FAZ O APELO À SOLICITUDE PELOS POBRES

A cidade de Corinto era muito importante em seu tempo, capital da província da Acaia e o lugar de residência do procônsul, representante administrativo do Imperador. Da cidade de Corinto no tempo de Paulo conservamos apenas as ruínas do Templo de Apolo, o pavimento de algumas ruas principais (*main square*) da época e uma Fonte pública¹. Corinto era uma cidade marítima comercial, bastante atraente, célebre por seus jogos em honra de Poseidon – o deus do Mar (1Cor 9,24-27). As pessoas que navegavam por aquela região preferiam descarregar seus bens no *istmo* de Corinto e depois prosseguir, sem precisar dar uma volta perigosa em torno do Peloponeso. Assim, por ser um lugar de constante embarque/desembarque, podemos já deferir que a população de Corinto era bastante plural (mista) e possuía uma classe que enriquecia com essas atividades².

A comunidade de Corinto, formada por judeus e gentios, foi fundada por Paulo em 50/51-52 d.C se seguirmos as informações de At 18,1-3. Não obstante, o próprio Paulo afirma que ele plantou, pôs os fundamentos e foi o pai dessa comunidade cristã (1Cor ,6.10; 4,15). Aparentemente ele se estabeleceu ali por um ano e meio e, embora admitamos um exagero retórico por parte de Paulo, ele próprio afirma que em sua pregação preferiu não apelar a uma linguagem retórica e refinada (1Cor 2,4-5; 2Cor 11,6), talvez uma mudança tática após o fracasso em Atenas (At 17, 16-34)³.

¹ THRALL, Margaret E. *The First and Second Letters of Paul to the Corinthians*. Cambridge: Cambridge University Press, 1965, p.1. Eduardo Arens explica que, se visitarmos os restos arqueológicos das grandes cidades de outrora (Corinto, Éfeso, Atenas etc.), ficaremos surpresos com a sua reduzida extensão. Isso se explica pelo fato de a população daquele tempo ser bem menor do que imaginamos, e porque grande parte da população não tinha casa (só os ricos possuíam), vivendo em casebres fora das cidades. In ARENS, Eduardo. *Ásia menor nos tempos de Paulo, Lucas e João: aspectos sociais e económicos para a compreensão do Novo Testamento*. Trad. de João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, p.99.

² COTHENET, Edouard. *San Pablo en su tiempo*. 4 ed. Navarra: Ed. Verbo Divino, 1985, p.42.

³ BROWN, Raymond E. *Introducción al Nuevo Testamento: cartas y otros escritos*. Trad. de Antonio Piñero. Madrid: Ed. Trotta, 2002, p.673.



Qual o perfil da Comunidade fundada por Paulo em Corinto? Por um lado, trata-se de uma comunidade ativa e cheia de dons espirituais (em grego *charismata*)⁴. Por outro lado, trata-se de uma comunidade extremamente perturbada por diversos problemas (“teólogos” rivais, facções, práticas sexuais problemáticas, obrigações maritais, liturgia, separação entre ricos e pobres, disputas por cargos na Igreja e discussão sobre a superioridade dos dons). De fato, tanto as qualidades da Igreja em Corinto como seus problemas pastorais são próprios de uma igreja inserida numa cidade multiétnica e multicultural. Para Raymond Brown, as duas Cartas que temos preservadas de Paulo aos Coríntios (1Cor e 2Cor) são matrizes úteis aos dias atuais para aqueles pastores que, nas nossas sociedades multirraciais e plurirraciais, precisam lidar com problemas semelhantes⁵.

As duas Cartas aos Coríntios revelam parcialmente os embates entre Paulo e algumas facções e líderes da comunidade. Em 1Cor, Paulo assume um tom mais enérgico e exortativo, um tom que irá ampliar o conflito entre ele e parte da comunidade. Contudo, em 2Cor, Paulo muda sua estratégia pastoral e busca resolver o problema numa outra perspectiva: a da misericórdia e compaixão⁶. Como explica Jan Lambrecht, a misericórdia de Deus (*God's mercy*) já era um tema comum na pregação paulina, pois para Paulo não era o cumprimento da Lei que salvava. Primeiro, porque ninguém, judeus ou gentios, era capaz de cumprir toda a Lei – todos somos pecadores. Todos somos necessitados da misericórdia divina⁷.

Ora, em 2Cor, uma Carta que provavelmente é compilação de várias cartas (de duas a cinco), há uma seção em que há uma pausa no tratamento do mal-estar entre Paulo e a comunidade de Corinto: trata-se da seção de 2Cor 8-9. Nela, Paulo faz um apelo para que a comunidade de Corinto envie uma ajuda financeira (coleta) para os membros da Igreja de Jerusalém, que aparentemente caíram ou estavam submetidos a uma condição de extrema pobreza (“*who appear to have fallen into a condition of extreme poverty*”⁸).

A Coleta para os santos (membros da Igreja) em Jerusalém foi um projeto desenvolvido por Paulo entre as comunidades crentes que ele fundou ao redor do Mediterrâneo. Era, portanto, uma coleta das igrejas helenistas (gentios) para a “Igreja-mãe” (*chiesa madre*) em Jerusalém – composta de cristãos judeus⁹. Essa coleta é explicitamente mencionada por Paulo em 1Cor 16,1-4, 2Cor 8-9 e Rm 15,25-27. Assim, os estudiosos de Paulo creem que essa coleta ocupou um tempo e um esforço importantes dos últimos anos do ministério do apóstolo¹⁰.

Paulo menciona pela primeira vez a coleta aos santos¹¹ em Jerusalém na Primeira Carta aos Coríntios (16,1-4). Ele fornece instruções detalhadas sobre como a coleta deve ser feita

⁴ FABRIS, Rinaldo. *Paulo, Apóstolo dos Gentios*. Trad. de Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulinas, 2001, p.379.

⁵ BROWN, 2002, p.669.

⁶ Eis as duas imagens iniciais que Paulo evoca sobre Deus no início de sua Carta (2Cor 1,3): Deus, o Pai das Misericórdias e o Deus de toda consolação.

⁷ LAMBRECHT, Jan. *Paul Past and Present: Five Specific Issues*. New Orleans: Loyola University, 2008, p.5.

⁸ THRALL, 1965, p.160.

⁹ WODKA, Andrzej. L'oblatività neotestamentaria e il discorso ético-morale. Il dono de dare (2 Cor 8-9). *Studia Moralia*, Vol. 37 (1999), Roma, 1999, p.6.

¹⁰ GRIFFITH, Gary W. *Abounding in generosity: a study of Charis in 2 Corinthians 8-9*. Durham: University of Durham, 2005, p.5.

¹¹ “Santos” (*oi hagioi*) era um tratamento comum entre cristãos designa os crentes a quem se destina a coleta.



(apontando delegados para levá-la a Jerusalém etc). Contudo, pela retomada do tema em 2Cor, só podemos crer que na primeira tentativa os coríntios se negaram a contribuir, talvez inflamados contra Paulo por causa de outras tantas questões polêmicas. Isso explica o fato de em 2Cor Paulo retomar o assunto, achando necessário fazer uma motivação para que os coríntios cumpram sua promessa de ajuda¹². Por isso Paulo evoca o exemplo da Macedônia e da Acaia, que mesmo sendo comunidades pobres, ajudaram generosamente (2Cor 8,2).

Segundo John Dominic Crossan, a “Grande Coleta” era um projeto paulino que começara em Jerusalém, quando ficou estabelecido que Pedro pregaria aos judeus e Paulo aos pagãos. A “Grande Coleta” mencionada em Gl 2,10 seria um compromisso dos pagãos em ajudar a comunidade de Jerusalém, uma comunidade pobre que partilhava seus bens (At 4,32)¹³. Portanto, uma característica da “Grande Coleta” era manter a unidade no compromisso efetivo dos irmãos gentios para com os judeus, mas existem outros objetivos que inspiram essa ajuda financeira.

Citamos as motivações mais importantes para a Coleta:

a) *A motivação da Unidade:* é universalmente aceito que Paulo compreendia a coleta como uma “ponte” que construía unidade entre a igreja em Jerusalém e as comunidades dos gentios no Império. Aparentemente a comunidade de Antioquia se dava muito bem com a de Jerusalém (At 11,27-30), pois a ajudava financeiramente também, e Paulo quer construir essa harmonia entre todas as igrejas. Além disso, esse ato de amor das comunidades cristãs dos gentios para com os cristãos judeus em Jerusalém evidenciava a “Presença de Deus” entre os gentios, derrubando as barreiras do preconceito entre os dois grupos¹⁴.

b) *A motivação da Filantropia:* é o motivo mais óbvio e explícito, a ajuda para com os mais necessitados. “Para Paulo, esse talvez seja o aspecto mais importante da coleta e se reflete em seu uso da palavra solidariedade (*koinonia*) com referência à coleta”¹⁵.

c) *A motivação da Igualdade:* Paulo subverte o sistema romano de classes afirmando que no Reino de Deus todos são iguais – igualmente salvos e unidos a um mesmo Corpo. Como ele escreve em 2Cor 8,13: “Não se trata de dar alívio a outros e vocês passarem dificuldade, mas de haver igualdade”. Trata-se de uma igualdade na condição cristã de todos que deve desembocar numa igualdade de condições (justiça social). Antonio Pitta afirma que duas imagens que aparecem bastante na eclesiologia paulina como modelo para o relacionamento cristão são os membros do Corpo (*Soma*) e os familiares da casa (*Oikia*) – não a casa romana estratificada, mas a casa familiar, filial e fraterna pregada no Evangelho¹⁶.

d) *A motivação Escatológica:* Paulo não menciona uma motivação escatológica explicitamente quando discute a coleta, mas muitos estudiosos apontam essa motivação por causa da teologia presente em Rm 11,25: “O endurecimento atinge uma parte de Israel, até

¹² GRIFFITH, 2005, p.6.

¹³ CROSSAN, John Dominic; REED, Jonathan L. *Em busca de Paulo: como o apóstolo de Jesus opôs o Reino de Deus ao Império Romano*. Trad. de Jaci Maraschin. São Paulo: Paulinas, 2007, p.357.

¹⁴ GRIFFITH, 2005, p.9.

¹⁵ HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G (Orgs.). *Dicionário de Paulo e suas Cartas*. Trad. de Barbara Theoto Lambert. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2008, p.111.

¹⁶ PITTA, Antonio. *L'eclesiologia paolina del Corpo di Cristo*. Pontificia Universidade Lateranense, 1991 (Roma), p.19.

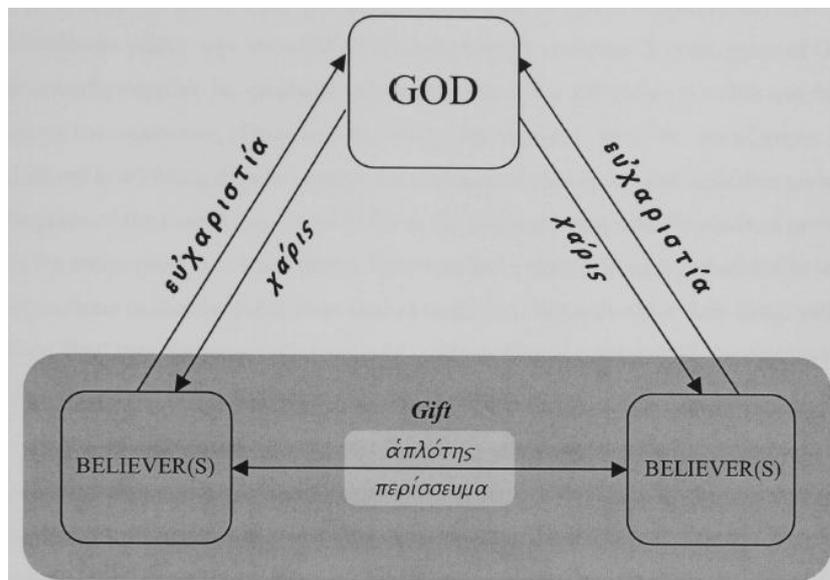


que tenha entrado a plenitude dos gentios”. Essa coleta significa a unidade escatológica do Povo Santo (*Laos*) conforme as profecias (Is 2,2-3; 60,5-6; Miq 4,1-2), apressando a vinda gloriosa do Senhor¹⁷.

e) *A motivação da Obrigação*: para Paulo, a Coleta era a reparação de uma dívida que os gentios tinham para com os judeus. Isso porque os gentios compartilharam dos “bens espirituais” dos judeus, e agora partilhavam seus “bens materiais” com eles (Rm 15,26-27).

f) *A Graça (χάρις)*: Paulo faz um abundante uso da *χάρις* (*Charis*) em 2Coríntios 8-9. A *χάρις* é a Graça de Deus, de modo que Paulo é famoso por sua “teologia da Graça” no NT. Ora, em Paulo, o termo Graça é plurivalente: significa Bondade, Dom ou Gratidão. De forma resumida, podemos dizer que para Paulo a Graça de Deus precede nossas obras – ela é abundante. Os crentes (fiéis) respondem a essa graça com a Eucaristia (a Ação de Graças da comunidade). Mas essa relação vertical precisa desembocar em frutos *horizontalmente*: entre os crentes de diversas comunidades. “*Believers have already been enriched in Christ, and continue to receive grace from God in order that they may share their grace with others*”¹⁸ (Os Crentes já foram enriquecidos em Cristo, e continuam recebendo graça de Deus de forma que eles devem compartilhar sua graça com os outros). A Graça de Deus (*χάρις*) supre os crentes com uma atitude generosa (*ἀπλότης*) e até com o excedente que eles devem dar (*περισσεῦμα*), de forma que isso inspira o receptor a dar “ação de graças” (*εὐχαριστία*) a Deus¹⁹. A figura abaixo ilustra isso didaticamente e foi elaborada por Gary W. Griffith, estudioso do uso do termo *Charis* em 2Cor 8-9:

Figura 1 – A Troca de Dons entre os Cristãos segundo o estudo de Gary W. Griffith²⁰



¹⁷ HAWTHORNE; MARTIN; REID, 2008, p.111.

¹⁸ GRIFFITH, 2005, p.255.

¹⁹ Idem.

²⁰ Idem, p.254.



Ora, essa concepção paulina fundamentada no Evangelho de Cristo era completamente oposta à estrutura distributiva da sociedade romana imperial. A sociedade romana era baseada em patrocínios, ou seja, em relações de fidelidade e interesse entre patrícios (controladores) e clientes. “O cliente de um poderoso controlador tornava-se também poderoso e, por sua vez, atraía clientes para si. Mesmo os parasitas marginais conseguiam atrair clientes em estado pior do que o seu...”²¹. Nas suas cartas aos Coríntios, ao frisar a divindade quenótica de Jesus Cristo (seu esvaziamento), Paulo contrapõe-se frontalmente ao sistema de patrocínios que devia influenciar bastante a comunidade de Corinto. Não há como conciliar a fraternidade cristã e o sistema romano de patrocínios, que fomentava relações de poder, interesse e influência. Como escrevem Carolyn Osiek e David L. Balch: “A confissão cristã e o desenho das casas greco-romanas não tinham afinidade”²².

Qual é a conclusão desse esforço da Coleta paulina? Infelizmente a única fonte que temos, os Atos dos Apóstolos, não fornece boas notícias. Aparentemente, Paulo vai até Jerusalém levar a coleta, mas a comunidade de Tiago recusa o dinheiro da coleta, a não ser que Paulo a utilize (ou parte do dinheiro) para pagar as despesas do ritual de purificação do Templo (At 21,17-24). Seria um teste para mostrar a piedade judaica de Paulo. Contudo, ocorre a tragédia prevista e Paulo é preso no Templo, acusado de introduzir gregos no recinto dos judeus. Daí em diante, Paulo é feito prisioneiro e se inicia sua longa jornada a Roma²³.

O que podemos inferir desse final desastroso? Paulo, tão empenhado no cuidado dos cristãos pobres de Jerusalém, é aprisionado justamente pelo povo com o qual é solidário: os judeus. Um final parecido com o de Jesus, mas que mostra que a verdadeira entrega solidária não é motivo de glória (*doxa*), mas de sofrimento. Paulo demonstra sua profunda sintonia com a história da salvação (as principais narrativas da *Torah*) ao guardar aquela frase que o ligava a Javé, o Pai dos pequeninos, que ele ouviu em Jerusalém: “Lembre-se dos pobres” (Gl 2,10). Ao pôr em prática tal predicação, Paulo mostra sua continuidade com o ensinamento e a prática de Jesus de Nazaré, ele que era um apóstolo “abortivo”, mas fiel. E é cumprindo o *ágape* de Cristo que ele é feito prisioneiro em Jerusalém, à imagem do seu Senhor.

Como ele mesmo afirma em 2Cor: “De fato, nós que vivemos estamos sempre expostos à morte por causa de Jesus, para que também a vida de Jesus se manifeste em nossa carne mortal. De modo que em nós trabalha a morte, e, em vocês, a vida” (2Cor 4,11-12).

2. A NOVA PARÓQUIA

A *instituição paroquial* é uma instituição milenar que nasceu no século IV e subsiste até os dias atuais, sendo ainda bastante consistente, não obstante todas as profundas mudanças históricas que ocorreram. Como escreve o papa Francisco na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, “a paróquia não é uma estrutura caduca; precisamente porque possui uma grande plasticidade”²⁴. De fato, a paróquia nasce da adaptação da ação pastoral urbana às igrejas rurais recém-criadas, sendo, portanto, uma instituição que *per se* é vocacionada a encarnar-se

²¹ CROSSAN; REED, 2007, p.267.

²² OSIEK, Carolyn & BALCH, David L. *Families in the New Testament World: Households and House Churches*. Louisville: Westminster John Knox, 1997, p.199.

²³ CROSSAN; REED, 2007, p.359.

²⁴ FRANCISCO, *Evangelii Gaudium* 28.



na realidade. O próprio termo paróquia é derivado do grego *paroikia* e tinha dois significados: “avizinhamento, ser vizinho” e “comunidade peregrina, de estrangeiros, forasteiros”²⁵. Assim, em suas origens a paróquia já possuía em si uma carga preciosa que mostrava tanto que os cristãos são peregrinos neste mundo como, também, que a Igreja deve estar no meio do povo, vivendo “no meio das casas dos seus filhos e das suas filhas”²⁶.

Com o advento da *christianitas* (cristandade), a paróquia assumiu para si uma estrutura monárquica e régia (imagem da Igreja como *Ecclesia regina* = Rainha)²⁷. A pastoral existente nesse modelo era extremamente sacramentalista e judicial. Na França da década de 40, houve um forte questionamento acerca da validade da estrutura paroquial. As paróquias estavam acomodadas enquanto se multiplicava o número dos não-crentes (pagãos), a ponto de dois sacerdotes publicarem um texto de grande repercussão no seio da Igreja: *La France, pays de mission?*²⁸ Como aquele que era considerado o “grande país católico” tornou-se “terra pagã de missão”?

Atualmente, a paróquia, aos poucos, supera o modelo tradicionalista-sacramentalista do passado, vivendo outros paradigmas na pastoral que têm sido bastante frutuosos: a evangelização, a missão, o acento no aspecto comunitário e a ênfase em uma *práxis* libertadora.

A Nova Paróquia, comunidade de comunidades, “é presença eclesial no território, âmbito para a escuta da Palavra, o crescimento da vida cristã, o diálogo, o anúncio, a caridade generosa, a adoração e a celebração”²⁹. Ela é fruto da superação da linguagem imperial-*kyriárquica* na Igreja (ex.: Palácio episcopal, Magna Hóstia) para uma linguagem mais próxima das primeiras comunidades cristãs (a Igreja como Casa – a *domus ecclesiae*³⁰ –, como “Mãe de coração aberto” e “casa aberta do Pai”³¹). A Nova Paróquia é, sobretudo, aquela que é capaz de renovar-se (converter-se) diante dos novos contextos e ser um ponto de *convergência e irradiação* de comunidades:

A nova paróquia propõe como objetivo tornar-se uma base de integração para a formação comunitária. O fim de toda pastoral é e sempre foi a salvação dos homens, e todas as estruturas eclesiais servem a essa finalidade. A paróquia é a unidade de base dentro da qual se edifica a comunidade que não é fim em si mesma, mas é comunidade para os outros.³²

O Documento 100 da CNBB, que aborda primordialmente a temática da Nova Paróquia, expõe 13 características para que a Paróquia se converta em “comunidade de comunidades”³³. De forma sintética, elencamo-nas a seguir:

²⁵ FLORISTÁN, Casiano. *Para compreender la Parroquia*. Estella: Editorial Verbo Divino, 1998, p.6.

²⁶ FRANCISCO, *Evangelii Gaudium* 28.

²⁷ BRIGHENTI, Agenor. *A pastoral dá o que pensar: a inteligência da prática transformadora da fé*. Manual Básico de Teologia Pastoral. São Paulo: Paulinas, 2006, p.35.

²⁸ DANIEL, Yvan; GODIN, Henri. *La France, pays de mission?* Lyon : Les Éditions de l’Abeille, 1943.

²⁹ FRANCISCO, *Evangelii Gaudium* 28.

³⁰ SZENTMÁRTONI, Mihály. *Introdução à Teologia Pastoral*. Trad. de Orlando Soares Moreira. 3 ed. São Paulo: Loyola, 2014, p.57.

³¹ Imagens utilizadas pelo Papa Francisco, muito mais próximas da calorosa realidade familiar do que de estruturas políticas (tal como a monarquia). In FRANCISCO, *Evangelii Gaudium* 46-49.

³² SZENTMÁRTONI, 2014, p.57.

³³ CNBB, *Doc.100* n.319.



- a) Formar pequenas comunidades.
- b) Investir na meditação da Palavra de Deus com Métodos apropriados (tal como a Leitura Orante).
- c) Celebrar a Eucaristia e tê-la como ponto de unidade das comunidades da paróquia.
- d) Organizar retiros.
- e) Estabelecer o CPP (Conselho de Pastoral Paroquial) e o CAEP (Conselho de Assuntos Econômicos) para garantir a comunhão e a participação.
- f) Valorizar o laicato e a formação dos ministérios leigos.
- g) Acolhida dos afastados na comunidade, como expressão da missão.
- h) Viver a caridade e opção preferencial pelos pobres.
- i) Que a Igreja matriz e as outras igrejas sejam centros de irradiação de espiritualidade.
- j) Dar maior atenção aos condomínios e conjuntos de residências populares.
- k) Garantir a comunhão com a totalidade da Diocese.
- l) Utilizar os recursos da mídia para aprofundar o relacionamento da paróquia com as pessoas.
- m) Ser uma Igreja “em saída” missionária.

Desse quadro básico de objetivos da Nova Paróquia, encontramos alguns *princípios norteadores*. O primeiro é a **Formação**. O Documento de Aparecida insiste na conexão entre “formação permanente” e “conversão missionária”. Os pontos *a, b, d e f* evidenciam direta ou indiretamente a relevância de uma paróquia onde a formação seja constante, tenha como destinatário essencial os leigos (laicato) e tenha um enfoque bíblico e voltado à espiritualidade³⁴. Aqui cabe uma diferença entre “formar os leigos” e formar comunidades”, embora uma sinergia perpassa a ambos. Formar os leigos significa formá-los no conteúdo da fé (Credo – *Confessio fidei*) e da vida³⁵. Implica estudo e espiritualidade, entrar no Mistério do Amor Salvador da Trindade – *narrativo amoris*³⁶. Formar comunidades exige planejamento, esforço e consciência cristã e eclesial por parte do clero e do laicato, cujo primeiro passo é o conhecimento e amor de Deus e da missão da Igreja.

Outro ponto de convergência que reaparece nessa lista (*b, c e h*) é aquela tríade que também é cara aos Novos Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades: a **escuta da Palavra, a Eucaristia (vida sacramental) e o ágape (caridade)**. O *ágape* é dom que não passa, como conclui Paulo no hino de 1Cor. A paróquia deve criar, formar e alimentar as suas comunidades com esse fundamento. Outro verbete influente nessa relação é **comunhão (koinonia)**, que aparece visível ou subjacente em *a, c, e, g, k e l*. A *koinonia* é o aspecto identitário da vida cristã, que nos une em comunidade e transforma a paróquia em “rede de comunidades”. Finalmente, o objetivo próximo da conversão pastoral da Nova Paróquia é a **acolhida e missão (evangelização)**, citado nos pontos *g, i, j, l e m*. O ser cristão pressupõe *itinerância*, pois nós possuímos uma espiritualidade com uma bagagem pascal para revelar ao mundo. “É oportuno que nos eduquemos para *peregrinar*, inclusive nos desertos e espaços

³⁴ V CELAM, 2008, p.169.

³⁵ O conhecimento da realidade e do contexto sociocultural também entra nessa dimensão da Formação (a lente científica/sociológica de leitura). Libânio expõe a importância desse conhecimento para a Pastoral Urbana. In FERNANDEZ, 1997, p.37.

³⁶ FORTE, Bruno. *As Cores do Amor*. Trad. de Silva Debetto C. Reis. São Paulo: Loyola, 2013, p.67.



inéditos. Vivemos um processo de releitura criativa do nosso secular patrimônio espiritual, ao mesmo tempo em que descobrimos novas modalidades de profetismo e inserção no mundo hodierno³⁷. Nessa nova perspectiva, ficam relativizadas as antigas categorias de *territorialidade* (um vez que na WEB/Internet e na Comunicação as fronteiras se diluem), o atendimento religioso tende para o personalismo e a desburocratização das funções paroquiais (caso da *secretaria paroquial*)³⁸, e a própria pastoral sacramental avança de uma realidade puramente pragmática (“receber o sacramento”) para uma nova moção celebrativa (“viver, celebrar os sacramentos”).

A Nova Paróquia é “Comunidade de Comunidades” (Doc. 100) de “Discípulos-Missionários” (DAp) que anunciam e vivem a “Alegria do Evangelho” (EG). Esse axioma revela a *identidade* e *missão* da Nova Paróquia onde tudo é renovado: sua estrutura/autocompreensão espacial, seus sujeitos e ministérios, sua postura, pedagogia e linguagem, sua relação com a sociedade e as pessoas. É a “Velha Paróquia” que, para “nascer de novo”, volta ao seio (ventre) da Comunidade: “Trata-se de um novo modo de autoconsiderar-se, em gestação na comunidade. Uma nova maneira de o Povo de Deus conceber-se em seu ser e no seu agir. Uma autoconsciência que, naturalmente, provoca um sentimento novo e inspira uma nova prática”³⁹. O que permanece como *critério* e *sentido* da Nova Paróquia é Jesus Cristo, suas palavras e obras, seu sacrifício e salvação (cristocentrismo). Justamente porque a Paróquia é Corpo que compartilha sua vida com a Cabeça (*Caput*) que é Cristo.

O que a Nova Paróquia tem a aprender com o apelo feito por Paulo em 2Cor pela solicitude da comunidade para com os pobres? Em primeiro lugar, cabe uma observação acerca da linguagem utilizada por Paulo. Se 1Cor é uma Carta enérgica e dura que endureceu o coração dos coríntios contra Paulo, em 2Cor a linguagem paulina é acolhedora e misericórdia (a “Carta das Lágrimas”). Para Raymond Brown, a mudança da linguagem paulina indica uma sensibilidade pastoral⁴⁰. Sobre esse aspecto, podemos questionar: qual a linguagem ideal para exortar os fiéis à *práxis* caritativa? Podemos dizer que são duas, ambas empregadas por Paulo em 2Cor: o testemunho (exemplo) e a linguagem da misericórdia.

O testemunho que Paulo dá à comunidade de Corinto está na linha daquele aspecto que encontramos na teologia paulina chamado de Imitação (*mimétes*)⁴¹. Para Paulo, Cristo é o modelo-matriz, e Paulo se torna modelo para as igrejas porque ele busca imitar Cristo em sua vida e sofrimentos pelo Reino. Em 1 e 2Cor, Paulo conclama os coríntios a imitá-lo, sobretudo na acolhida do Evangelho da Cruz, ou seja, na pregação de Deus que, na fraqueza, mostra sua força (*kénosis*). Ao conclamar os coríntios a imitar seu bom exemplo, Paulo não é arrogante: ao contrário, a linguagem da imitação era comum no ensinamento moral da Antiguidade. Um exemplo disso são Cícero e Sêneca – para ambos, a figura política principal

³⁷ MAÇANEIRO, Marcial. Espiritualidade cristã: cinco palavras para o nosso tempo. In MAÇANEIRO, Marcial (Org.). *Teologia em Questão*. Música, Laicato, Ecumenismo. n.16, Ano VIII, 2009/2, p.112.

³⁸ CNBB, *Doc.100* n.38-48.

³⁹ ANDRADE, Djalma Rodrigues de. *Reinventar a paróquia?* Sonhar em tempo de incerteza. São Paulo: Loyola, 2006, p.39.

⁴⁰ BROWN, 2002, p.709.

⁴¹ HAWTHORNE; MARTIN; REID, 2008, p.666-667.



(um príncipe ou governante) deve ser um modelo de virtudes que o povo deveria, por consequência, imitar⁴².

Da mesma forma, o padre e aqueles que exercem algum ministério na Nova Paróquia devem exercer um “primado” na caridade. Como escreve o Papa Francisco na *Evangelii Gaudium*, trata-se de “primeirar” na vivência do Evangelho e ser luz para os outros⁴³.

O segundo exemplo paulino é o da “linguagem da misericórdia”. Paulo percebe que a linguagem endurecida e de denúncia não toca o coração da comunidade de Corinto, pelo contrário, fecha-lhes o coração. A matéria (conteúdo) continua o mesmo: ajudar os pobres. Mas a *forma* (o modo de falar) pode alterar os efeitos da comunicação. Nesse sentido, Paulo se utiliza de uma linguagem fraterna, amorosa, apaixonada pelo Evangelho e pelos irmãos em Corinto. Um exemplo de uso desse tipo de linguagem para convocar a Igreja para uma prática caritativa é o Papa Francisco, como se pode observar adiante:

O Papa ama a todos, ricos e pobres, mas tem obrigação, em nome de Cristo, de lembrar que os ricos devem ajudar os pobres, respeitá-los e promovê-los. Exorto-vos a uma solidariedade desinteressada e a um regresso da economia e das finanças a uma ética propícia ao ser humano⁴⁴.

Além dos dois aspectos da linguagem paulina (testemunho e misericórdia) que são muito aplicáveis na pastoral paroquial atual, há outros que se devem considerar. Em primeiro lugar, a compreensão de Paulo de que a *ecclesia* é universal, formada por judeus e gentios, sem preconceitos ou divisões. A Coleta para Jerusalém é uma forma prática de Paulo educar os coríntios sobre a importância da unidade (contra as divisões). Trazendo esse ensino para as pastorais sociais da Nova Paróquia, parece crucial que os cristãos e agentes de pastoral sejam conscientes de que o *ágape* de Cristo supera todas as barreiras: étnicas, geográficas (territorialidade) e confessionais (católicos e evangélicos). A Caridade é ecumênica. Há barreiras para a caridade? Paulo, assim como a Igreja, ensina que não. “As comunidades da paróquia precisarão acolher a todos, em especial os moradores perdidos e os socialmente excluídos, “para que tenham vida, e a tenham em abundância” (Jo 10,10). Eles deverão encontrar aconchego e espaço de vida entre aqueles que seguem Jesus Cristo”⁴⁵.

A Nova Paróquia precisa acolher a todos os que se encontram “à beira do caminho”, sem distinções⁴⁶. Um segundo aspecto que as paróquias devem assimilar é a construção de uma “teologia da solidariedade”. A solidariedade da paróquia para com os necessitados não pode se limitar a atos isolados e esporádicos. Como Paulo faz, o padre e a comunidade devem construir e exalar uma “teologia da solidariedade” que renove a mentalidade das pessoas e torne a caridade uma *práxis* tão elementar como a participação na missa dominical. Como escreve o Papa:

Embora um pouco desgastada, e por vezes, até mal interpretada, a palavra “solidariedade” significa muito mais do que alguns atos esporádicos de generosidade; supõe a criação de uma nova mentalidade que pense em termos de

⁴² VIZENTIN, Marilena. *Imagens do poder em Sêneca*. Estudo sobre o De Clementia. Cotia: Ateliê Editorial, 2005, p.106.

⁴³ FRANCISCO, *Evangelii Gaudium* 14.

⁴⁴ Idem, 58.

⁴⁵ CNBB, *Doc.100* n.281.

⁴⁶ CNBB, *Doc.100* n.283.



comunidade, de propriedade da vida de todos sobre a apropriação dos bens por parte de alguns⁴⁷.

Um componente fundamental dessa teologia que deve comover todo cristão é o primado da Graça (*Charis*) de Deus. Se temos algo para doar, é porque Deus nos deu tudo primeiro, de forma que nossos dons ofertados são Eucaristia – Ação de Graças a Deus. A Caridade que praticamos não traz Saúde/Salvação (*Salus/Salutis*) somente aos irmãos que a recebem, mas a nós também, pois é sinal que confirma a acolhida do Dom de Deus por nós. A Caridade é sinal de verdadeira conversão ao cristianismo, que significa “sair de si mesmo” em direção ao outro, tal como Jesus Cristo: era um “critério importante para que as comunidades paulinas não se deixassem arrastar pelo estilo de vida individualista dos pagãos e que tem uma grande atualidade no presente contexto, em que tende a desenvolver-se um novo paganismo individualista”⁴⁸.

Outro aspecto importante que podemos aprender com Paulo é estruturar a ação caritativa. Paulo planejou sua “rede de caridade” entre as Igrejas da Ásia, fez um projeto (A Coleta para os santos de Jerusalém), tinha colaboradores que acreditavam nesse projeto. Igualmente, é mister que a Nova Paróquia organize sua ação caritativa. Como escreve José Antonio Pagola: “As conferências episcopais e as igrejas locais devem ter uma pastoral social estruturada em vista de toda pessoa necessitada, católica ou não; e ainda ser parceira em ações para a promoção do bem, junto com outras comunidades cristãs”⁴⁹. Como explica o Documento de Aparecida, um serviço tão essencial à vida cristã requer uma “programação pastoral”⁵⁰.

Por fim, é claro nos escritos paulinos que ele considera o serviço aos pobres um *ministério*. Não se trata de assistencialismo, mas de um ministério que a comunidade cristã exerce em favor dos seus e de todos. Por isso o Papa Bento XVI chama a Igreja, segundo a tradição cristã, de *Sacramentum Caritatis* (Sacramento do Amor). “A caridade cristã, por sua origem, por sua motivação e por seu fim, é diferente do serviço social do Estado, pois tem seu fundamento no amor de Deus”⁵¹. Por isso o ministério da caridade não deve estar subordinado a interesses políticos e eleitorais. A Caridade cristã completa a Eucaristia iniciada no culto, e por isso chamamos a celebração eucarística de Missa, que deriva de *Missio* (missão).

CONCLUSÃO

No contexto contemporâneo, com o advento da religião de *self service* – na qual capturo o que me interessa da religião sem qualquer compromisso –, o desafio da solidariedade se torna muito complexo. Isso porque o relevo não está no pronome coletivo, mas no *Ego*: busco a minha cura, a minha prosperidade, o meu bem estar. Isso é rescaldo da miscigenação de muitos elementos, dentre os quais o econômico que interage com o religioso: quem pagar mais a Deus receberá mais para si mesmo (Oferta e procura). Deus opera o milagre em quem lhe doa em abundância.

⁴⁷ FRANCISCO, *Evangelii Gaudium* 188.

⁴⁸ FRANCISCO, *Evangelii Gaudium* 195.

⁴⁹ PAGOLA, José Antonio. *João*. O caminho aberto por Jesus. Petrópolis: Vozes, 2013, p.400-401.

⁵⁰ V CELAM, 2008, p.178.

⁵¹ SZENTMÁRTONI, 2014, p.53.



Assim, falar de “doar livremente”, sem esperar um retorno ou rentabilidade, não é uma exortação apetitosa. É exatamente isso que Paulo faz ao exortar os coríntios a doar livremente uma contribuição material aos “santos” (pobres) da igreja de Jerusalém em 2Cor 8-9. Paulo insere a ação caritativa na lógica da *Charis* (Graça de Deus). Doamos os bens porque Deus os deu primeiro, de forma que a solidariedade é uma Ação de Graças (Eucaristia) àquele que em tudo nos precede.

Ora, há uma lógica perversa que desfigura o ministério eclesial da caridade. Segundo essa lógica, tudo o que diz respeito às pastorais sociais é vazio de espiritualidade, de forma que os milagres só podem acontecer nas orações e liturgias exclusivamente. Essa lógica não é a da Igreja, de Paulo ou Jesus. “La *charis* non soltanto fa percepire una dimensione soprannaturale nel raccogliere i soldi dai poveri per i poveri”⁵² (A Graça, não obstante, faz perceber uma dimensão sobrenatural em recolher o dinheiro dos pobres para os pobres). Há uma dimensão miraculosa (*del miracolo*) na solidariedade, tal como no fenômeno da multiplicação dos pães.

Essa lógica precisa ser presença no compromisso da Nova Paróquia com os pobres. O *ágape* cristão não é vazio de espiritualidade, mas *vera* Eucaristia (Ação de Graças) na qual o milagre opera. Paulo nos ensina hoje a importância de uma “Teologia da solidariedade” na Nova Paróquia, que integre fé e *práxis* aos moldes de 2Cor 8-9. Também é importante que a linguagem que exorta à caridade seja marcada pelo testemunho (Imitação do bom exemplo) e da misericórdia. A Caridade não tem muros ou fronteiras: ela é universal, acolhe a todos. A Caridade promove a unidade e a comunhão, é ecumênica, sendo santo remédio contra o individualismo que espreguiça nossas comunidades. A Caridade não é um associativismo político, mas ministério eclesial radicado em Jesus Cristo. A Caridade, serviço cristão tão sublime, precisa ser planejada e organizada, envolvendo toda a comunidade. “A caridade jamais acabará. As profecias desaparecerão, o dom das línguas cessará, o dom da ciência findará” (1Cor 13,8).

BIBLIOGRAFIA

- V CELAM. *Documento de Aparecida*. Trad. de Luiz Alexandre Solano Rossi. 5 ed. São Paulo: Paulus, 2008.
- ANDRADE, Djalma Rodrigues de. *Reinventar a paróquia? Sonhar em tempo de incerteza*. São Paulo: Loyola, 2006.
- ARENS, Eduardo. *Ásia menor nos tempos de Paulo, Lucas e João: aspectos sociais e económicos para a compreensão do Novo Testamento*. Trad. de João Rezende Costa. São Paulo: Paulus.
- BRIGHENTI, Agenor. *A pastoral dá o que pensar: a inteligência da prática transformadora da fé*. Manual Básico de Teologia Pastoral. São Paulo: Paulinas, 2006.
- BROWN, Raymond E. *Introducción al Nuevo Testamento: cartas y otros escritos*. Trad. de Antonio Piñero. Madrid: Ed. Trotta, 2002.
- COTHENET, Edouard. *San Pablo en su tiempo*. 4 ed. Navarra: Ed. Verbo Divino, 1985.
- CNBB. *Comunidade de Comunidades: uma Nova Paróquia*. Doc. 100. Brasília: Edições CNBB, 2014.

⁵² WODKA, 1999, p.22.



- CROSSAN, John Dominic; REED, Jonathan L. *Em busca de Paulo: como o apóstolo de Jesus opôs o Reino de Deus ao Império Romano*. Trad. de Jaci Maraschin. São Paulo: Paulinas, 2007.
- DANIEL, Yvan; GODIN, Henri. *La France, pays de mission?* Lyon : Les Éditions de l'Abeille, 1943.
- FABRIS, Rinaldo. *Paulo, Apóstolo dos Gentios*. Trad. de Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulinas, 2001.
- FLORISTÁN, Casiano. *Para compreender la Parroquia*. Estella: Editorial Verbo Divino, 1998.
- FORTE, Bruno. *As Cores do Amor*. Trad. de Silva Debetto C. Reis. São Paulo: Loyola, 2013.
- FRANCISCO, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2013.
- GRIFFITH, Gary W. *Abounding in generosity: a study of Charis in 2 Corinthians 8-9*. Durham: University of Durham, 2005.
- HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G (Orgs.). *Dicionário de Paulo e suas Cartas*. Trad. de Barbara Theoto Lambert. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2008.
- LAMBRECHT, Jan. *Paul Past and Present: Five Specific Issues*. New Orleans: Loyola University, 2008.
- MAÇANEIRO, Marcial (Org.). *Teologia em Questão*. Música, Laicato, Ecumenismo. n.16, Ano VIII, 2009/2.
- OSIEK, Carolyn & BALCH, David L. *Families in the New Testament World: Households and House Churches*. Louisville: Westminster John Knox, 1997.
- PAGOLA, José Antonio. *João. O caminho aberto por Jesus*. Petrópolis: Vozes, 2013.
- PITTA, Antonio. *L'ecclesiologia paolina del Corpo di Cristo*. Pontificia Universidade Lateranense, 1991 (Roma).
- SZENTMÁRTONI, Mihály. *Introdução à Teologia Pastoral*. Trad. de Orlando Soares Moreira. 3 ed. São Paulo: Loyola, 2014.
- THRALL, Margaret E. *The First and Second Letters of Paul to the Corinthians*. Cambridge: Cambridge University Press, 1965.
- VIZENTIN, Marilena. *Imagens do poder em Sêneca*. Estudo sobre o De Clementia. Cotia: Ateliê Editorial, 2005.
- WODKA, Andrzej. *L'oblatività neotestamentaria e il discorso ético-morale. Il dono de dare (2 Cor 8-9)*. *Studia Moralia*, Vol. 37 (1999), Roma, 1999.